Debate: o passe



O Momento do Passe

Dominique Fingerman

"Como marquei frequentemente, essa experiência do passe é simplesmente o que eu proponho àqueles que são suficientemente dedicados para se exporem aí somente aos fins de informação sobre um ponto muito delicado e que consiste, em suma, no que se afirma da maneira mais segura, é que é inteiramente a-normal - objeto a normal - que alguém que faz uma psicanálise queira ser psicanalista. ***É preciso verdadeiramente uma espécie de aberração*** *que valesse a pena ser oferecida a tudo quanto pudéssemos recolher de testemunho" J.Lacan*[1].

1 - o momento

O "Momento", de acordo com o dicionário, não é o instante que designa um corte, um ponto no tempo, designa um intervalo de tempo, uma certa duração. No entanto, no sentido de ocasião, ocorrência, evento, volta a idéia de instante, quando "momento oportuno' ele é a ocasião ser captada na hora para agir.

Momentum em latim é derivado por contração de *Movimentum*, de movere, e significa propriamente movimento, impulsão, modificação; ele também designa, concretamente, o peso determinante do movimento e a impulsão de uma balança. Daí decorre, desde o século XVII, seu uso na física e na matemática para conceitualizar forças, vetores: movimentos por um lado e probabilidades, por outro.

Sem exaurir as suas extensões semânticas, vale notar que "momento" alcança igualmente sentido como: "causa que determina uma ação num sentido, influência, motivo".

O momento do passe é o momento de báscula que produz essa "ab-erração' : o desejo de analista; errância, [erre[2]] extravagância, orientada pelo ponto fora de série: objeto a-normal, ponto muito "delicado" do qual vale a pena oferecer um dispositivo para recolher o testemunho.

Torna-se necessário discernir, quando falamos do momento do passe, o que chamaremos de instante decisivo: "o bom momento" referindo-nos à duração que pode se estender durante um bom tempo.

[1] *"Comme je l'ai souvent marqué, cette expérience de la passe est simplement ce que je propose à ceux qui sont assez dévoués pour s'y exposer à des seules fins d'information sur un point très délicat.. c'est que c'est tout à fait a-normal-objet a normal- que quelqu'un qui fait une psychanalyse veuille être psychanalyste.* ***Il y faut vraiment une sorte d'aberration*** *qui valait la peine d'être offerte à tout ce qu'on pouvait recueillir de témoignage"* in LACAN, J. *Le Savoir du Psychanalyste* – p. 108, Edição não comercializável de l'A.L.I

[2] Erre – usado por Lacan em particular no seminário "Les non dupes errent"- Erre remete a erro, mas também a errância, o lance.

2 - momento de concluir / momento de passe

Lacan usa precisamente "momento" nas expressões: "momento de concluir" e "momento do passe", correlatas, mas não equivalentes, para designar o que a psicanálise tem de melhor: o seu fim [tanto a sua finalidade quanto o seu limite]. A experiência da análise confirma: o momento de concluir de uma análise é correlato do momento do passe, mas um não se sobrepõe ao outro: o momento do passe se situa logicamente mais além do momento de concluir. Pode-se interpretar esse "logicamente mais além" de duas maneiras, embora ambas se refiram ao mais além do *automaton* da lógica significante, não no sentido da sua impotência, mas de seu impossível, ou seja, seu limite matemático.

Por outro lado, a conclusão da análise é necessária, embora não suficiente para que se verifique a passagem, o momento de báscula de analisante a analista[3], o salto da via analisante ao ato do analista (extravio, extravagância).

[3] J Lacan Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée....

O momento de concluir seria o "momento oportuno". Quando surge o limite da série, ele obsoleta o prolongamento da sua seqüência e resulta num corte conclusivo: in-sucesso de l'*Unbewusst*: não há mais necessidade de que o outro suceda ao Um, a fuga do sentido é interrompida [*L'in-succés de l'une bévue s'aile à mourre*].

O momento do passe, nesse caso, seria da ordem do evento, "*l'évènement*", quando se produz essa "ocorrência" verificando o efeito manifesto, do corte no lance *[erre]*.

O momento de concluir seria o termo de uma demonstração lógica, que dá acesso à emergência impensável do ato; o momento do passe seria a autenticação do salto nas suas seqüências, na sua "mostração".

Poderíamos desenvolver esse ponto para argumentar a não nomeação de alguns passantes, dizendo: "O cartel não conseguiu localizar, flagrar, a prova "viva", desse real - mais além - fora da série, prova ao vivo daquilo que foi demonstrado. O cartel ouviu o sentido da neurose, mas não o fora-de-sentido, a aberração, que o passante se permitiria e que sustentaria o desejo de analista".

Por outro lado, como ler, então, esse "momento do passe logicamente mais além do momento de concluir", quando Lacan situa também o momento de passe antes da conclusão da análise,

já que é nesse momento clínico que ele designa o passador [designação hoje a cargo dos AME da Escola]?

Antes de tudo, convém diferenciar o momento do passe que se testemunha e que se verifica eventualmente no procedimento e os momentos de passe, cruciais da análise. A direção da análise os tangencia até que o produto das tangentes cinja e saque o ponto fora da série que é a sua razão.

Os momentos de passe que pontuam uma análise são momentos de angústia, de encontro com o real, ou melhor, com o desejo do Outro sem a proteção fantasmática que dirige o *automaton* e previne a *Tyche*.

Podemos destacar dessa experiência clínica dos momentos de passe que se verificam após algumas voltas na análise, que "o momento de passe", no caso, não é o "instante", mas um "intervalo de tempo que tem uma certa duração", durante a qual o analisante oscilará e estará em desassossegado nos vários "momentos de passe", até que ele possa dizer "É o momento!". Essa certa duração permite explicar por que os passadores designados permanecem um "certo" tempo na função. O passador balança e o passante bascula quando declara "É o momento!". A temporalidade peculiar precisa ser levada em conta em nossos dispositivos institucionais - quanto tempo alguém passa no "momento do passe" e pode figurar na lista dos passadores? Alguém que interrompeu sua análise (interrompeu a oscilação) – pode continuar na lista dos passadores, supostamente capacitados por estarem "no momento do passe", para ouvir os passantes e, de fato, sustentar o dispositivo (*"O passador é o passe"*)?

Tal duração é o tempo da oscilação, do vacilo do movimento pendular de uma balança que perdeu o peso, o lastro, e não equilibrou ainda a sua gravidade. Ainda não, quase, por um fio, é o começo do fim, podendo dar ainda muitas voltas, oscilando entre o conforto subjetivo da transferência e suas vicissitudes e uma destituição subjetiva que não se conforma ainda com o desser do analista e a inconsistência do Outro, ainda não: momentos depressivos indicados por Lacan {Momentos inimitáveis – diz ele – não adianta fingir}. Um começo do fim, que pode dar muitas voltas ou até mesmo cair em tentação de infinitização ou de reação terapêutica negativa, depreendendo-se que, se a direção da análise se orienta tangencialmente para o passe, além da lógica

própria do tratamento, deve ser incluída uma dimensão ética de escolha[4].

Vemos aí introduzida a questão delicada da relação entre fim de análise e desejo de analista. Quem ainda está na via analisante pode suportar o desejo de analista?

Suspendo a questão delicada com uma frase de Lacan que abre uma pista que podemos seguir em outra ocasião:

"Pois então, ou uma porta está aberta ou ela está fechada, por isso ou estamos na via do psicanalisante ou no ato analítico. Pode fazê-lo alternar como uma porta que bate, mas a via do psicanalisante não se aplica ao ato analítico que se julga na sua lógica pelas suas seqüências[5]".

O momento de concluir resulta da demonstração do impossível inerente à estrutura.

O momento do passe, verificável no dispositivo como passagem, báscula em direção ao desejo do analista, evidencia, destaca algo da ordem da contingência correlata ao impossível, mas, no mais além, excesso, exceção, ex -cessão.

3 - o procedimento do passe

Desde 1967, ninguém mais discute a existência do "momento do passe" na clínica; a controvérsia se faz em torno do procedimento "*que*, diz Lacan, *duplica o momento do passe com sua colocação em causa para fins de exame*[6]".

Que procedimento é este? Um aparelho, uma experiência, um palco? Qual é o modo de proceder, qual é o modo de produção, exame, testemunho, chiste? Qual é o produto: um julgamento, um passe de mágica, um dizer, uma nomeação?

O procedimento é o acolhimento institucional do momento clínico, é o dispositivo/ aparelho, cujo funcionamento permite que o momento do passe fugidio, desvanescente, por excelência, seja recolhido.

* Testemunho

O dispositivo [passante - AME - passador - cartel do passe[7]] é um aparelho destinado à produção de um produto: apreender um momento, isto é, recolher o testemunho de uma ocorrência.

O momento, mudança, báscula, ocorrência, precisa ser tes-

[4] Soler C. – Variantes da destituição subjetiva - Stylus n. 5

[5] Lacan J. «Discurso a EFP» : *«Car en fin il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée, ainsi est-on dans la voie psychanalysante ou dans l'acte psychanalytique. On peut les faire alterner comme une porte bat, mais la voie psychanalysante ne s'applique pas à l'acte psychanalytique, qui se juge dans sa logique à ses suites.»*

6 «Redoubler le moment de la passe de sa mise en cause aux fins d'examens ».

7 Dunker C. [questão de C Dunker a respeito da "hipertrofia do dispositivo" para recolher essa coisa minúscula].

temunhado - isto é, passado aos *ditos* – para que, na seqüência dos ditos, se verifique ["se julgue"] o seu *dizer*, o qual é da ordem do real impossível dos ditos: sustenta a sua repetição, a sua seqüência, é a causa e o limite da série. Na matemática, de uma maneira exemplar, cifra-se e permite-se mil feitos.

O testemunho é passado ao crivo pelo cartel para reter da experiência analítica o que conta para sua reprodução: o seu dizer. O que conta é a identificação – localização da volta não contada nos ditos, causa do ato, o furo do saber, que caracteriza a verdade como não toda. No testemunho do passe não se diz "Toda" a verdade; pelo contrário, trata-se de um testemunho do não todo e deve "passar" para ser nomeado. Como diz Beatriz Oliveira, o que se transmite no passe é um intransmissível[8].

[8] Oliveira Beatriz – 2006 Espaço Escola FCL-SP

*Chiste

O passante diz para o passador e este para o cartel: esse "disse que disse", que não é fofoca, tem uma estrutura de chiste, muitas vezes comentada [Alain Didier Weil], remetendo à lógica do significante e o "pas de sens" permitido por ela: como passa nos ditos o que não está nos ditos?

Devo a Christian Dunker[9] a "sacada" da estrutura do chiste do passe incluída na sua letra: passe – passant - pas sans – pas de sens - pas de sens ...

[9] Dunker Christian – 2006 - Espaço Escola – FCL-SP

Le dire du passant passe pas sans le dit / O dizer do passante passa não sem o dito.

Le dire du pas de sens du passant passe au pas de sens / O dizer - fora do sentido do passante passa no passo de sentido.

*Passe de mágica: L'étourdit[10]

[10] Nominé Bernard : Le tour dit plus – Toulouse 2005

O dizer – o fora dos ditos - o que o dito não conta / a volta não contada dos ditos – o dizer, não passa sem os ditos [testemunho] ditosos que o cartel precisa ouvir dos passadores. O dito ditoso – o chiste, diz mais do que a boca - mostra o "mais além", algo não presente nos ditos, que aí está esquecido [*"qu'on dise"*].

O "momento" precisa ser passado aos ditos para manifestar-se o seu dizer, a sua volta não contada, no cálculo do "étourdit", do esquecido, a volta é não contada, mas contável, ela não é inenarrável. No passe, esse giro esquecido no cálculo neurótico pode ser contado e contar como causa inesquecível do ato.

*O produto

O produto do cartel é uma nomeação, é [AE] a apreensão

do momento do passe, apreensão do não-todo. A nomeação, *naming*, de uma aberração é o nome que beira, captura esse real, algo inimaginável, que não tem nome, fora do sentido: *fixão* de real. AE não quer dizer nada, isso nomeia algo que não tem sentido. A nomeação não é um batizado, uma sanção, um reconhecimento, uma condecoração, nem uma iniciação. A nomeação, produto do cartel, flagra uma ocorrência, isto é, o real em jogo na formação de um analista - [*enjeu*/lance do ato analítico e da Escola]. A nomeação, produto do cartel, flagra uma ocorrência do não-todo, ocorrência de algo impensável, que não pertence à série dos significantes que representam o sujeito para outro significante.

A produção do cartel é o seu funcionamento, coerente com seu produto, a que desamarra o cartel e se dissolve após sua decisão.

Assim como o funcionamento de uma análise produz um analista, o do cartel produz um Mais-Um, o funcionamento do cartel do passe produz o AE[11].

[11] Berta Sandra – 2006 - Café Cartel FCL-SP

4 - a comunicação dos resultados: vous ne dites rien!

E depois? Depois, dá trabalho, que faz, constitui a comunidade analítica. Já argumentei em outro trabalho[12] que não é a comunicação dos resultados que faz a comunidade analítica, mas toda a experiência de comunidade de Escola que os possibilita. Mas, como divulgar os resultados do recolhimento - colheita desse momento que se averiguou não inefável?

[12] Fingermann Dominique – A leveza do passe – Stylus n 12 p.148 (em torno do passe da EPFCL)

Vocês não dizem nada! Uns e outros parecem se queixar à espera dos resultados da experiência, lembrando as promessas de Lacan em 67: "é desnecessário indicar que essa proposta implica uma acumulação de experiência, sua coleta e sua elaboração, uma seriação de sua variedade e uma notação de seus graus... De qualquer modo, essa experiência não pode ser evitada. Seus resultados devem ser comunicados...[13]". Promessa moderada por Lacan em 75, quando avisa: "pois ao final do júri de habilitação só podem vir testemunhos de perplexidade e embaraço[14]".

[13] Lacan, Jacques. "Proposição de 1967 sobre o psicanalista da Escola" in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 261.

[14] Lacan Jacques– 1975 Journées sur la passe *"parce qu'après tout du jury d'agrément il ne peut venir que des témoignages de perplexité et d'embarras »*.

Vocês não dizem nada! No entanto, desde 1967, centenas de textos, encontros, desencontros, e rupturas foram feitos a partir das elaborações sobre o passe. No entanto, parece que se espera a última palavra[15], a significação derradeira, a senha para

[15] Franco, Silvia – 2006 – Espaço Escola FCL-SP.

abrir o Sésamo da "sombra espessa". Como disse Lacan, não se pode "entregar o ouro da lábia para o passador[16]". Não há senha, *"Mot de passe"*; já em 1953, no RSI, Lacan fala do *"mot de passe"* como essencialmente sem significação, assim como a palavra de amor. O *"mot de passe"*, senha, segredo, é um *sens blanc*[17] - semblant, sentido em branco, cuja significação é vazia: "*obtenho alguma coisa*, diz Lacan, *que não é absolutamente da ordem do discurso do mestre*".

Temos, sim, algumas indicações para nortear a escuta dos testemunhos: transferência, interpretação, castração, Édipo , luto, angústia, fantasia...

São balizas conceituais, e os relatos vão percorrê-las para organizar os seus desdobramentos.

Mas, essencialmente, temos como fio para nos orientar no labirinto dos ditos - o fio cortante de uma lógica - a lógica do significante, seu limite e as conseqüências disso para a estrutura do sujeito e para a vida: o limite da lógica do significante tem conseqüências que abrem a dimensão do mais além, do real.

5 - a investigação topológica: a produção

O funcionamento do cartel, o seu modo de produção é uma experiência bem singular, pois indexa [*index*] o que se procura e produz.

Mas, o que o cartel busca, caça, no final das contas?

Nos dois cartéis (e três passes) dos quais participei, o roteiro foi muito parecido. Um passador depois do outro, e depois de diversas voltas entre os cinco do cartel, na beira da conclusão: os dois passadores juntos.

Cada um geralmente vem com um texto mais ou menos linear, mais ou menos construído. Uns tentam seguir a linha cronológica do que eles ouviram, para não deixar escapar nada; outros trazem as ordenações e construções dos passantes; outros, ainda, organizam a sucessão das entrevistas; cada um segue uma idéia, um método, com muito cuidado. Às vezes, embaraçam-se com os conceitos, às vezes, porque o próprio passante se embaraçou com eles. Às vezes, um pouco tímidos e constrangidos no começo, porém, depois, por causa das intervenções do cartel e da cena aberta aí, os passadores se revelam mais atuantes.

[16] Lacan, Jacques - « on ne peut vendre la mêche pour le baratin des passeurs ».

[17] Lacan, Jacques : le sens blanc .....L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre.

O cartel, primeiramente quieto, reservado e atento, não demora muito para se meter. Ou seja: esticar as superfícies dos relatos, explorar as vizinhanças, visitar as extensões, evidenciar os furos, os verdadeiros e os falsos (lembrando que em topologia um furo verdadeiro é um furo que permite a travessia). Um a um, os membros do cartel participam do jogo transformando o texto em superfície topológica, seguem-lhe os contornos, pegam uns atalhos, cortam uns desvios, põem o testemunho de cabeça para baixo, produzem uma outra perspectiva. O intuito não é desconcertar os passadores - os quais, geralmente, espantam-se e depois deixam-se surpreender e colaboram com gosto na exploração –, é a transformação de seus textos em superfícies topológicas.

Em todos os casos, os passantes e os passadores foram extremamente aplicados e dedicados em explicar a neurose e sua construção pela análise [privilégio de aulas de psicanálise extraordinárias].

É necessário, mas não suficiente, ser fiel aos fatos e dizer a verdade toda, a verdade, não deixar escapar nada, pois tentar passar despercebido, neutro, transparente, produz uma coisa muito redondinha, que o trabalho do cartel, a sua produção, cuida de desestabilizar para a demonstração não encobrir, obturar a mostracão.

O procedimento transforma um texto numa cena onde cada um é ator da investigação topológica [não dá para não pôr o corpo, como diz Henry Krutzen].

O modo de produção do cartel, o tratamento desses textos cruzados, precipita na cena do cartel a sua deformação, transforma a coisa redondinha em *cross cap*, evidencia um toro neurótico enlaçado com o toro do Outro, corte no toro, uma banda de Moebius, passe de mágica: aparece a volta não contada.

Em algum momento, produz-se uma redução da encenação topológica em conclusão lógica, reduzem-se os fenômenos, isola-se a estrutura até se identificar melhor [eventualmente] a ocorrência do excesso, exceção, mais além da estrutura do significante e do sujeito suposto.

O texto se transforma em toro, o cartel torcendo e cortando, faz aparecer os diversos giros dos ditos: 1 1 1 . Os passadores se inquietam um pouco com o assédio do cartel: Conta de novo, Como foi? Quando? Quem? Com quantos anos? Sem esquecer

que as perguntas e respostas surgem, cortam o texto em qualquer língua: francês, português, inglês, espanhol.

Necessário se faz esclarecer o intuito dessa insistência: não é reconstruir nem completar a verdade histórica do drama do sujeito, mas verificar uma certa coerência lógica, usar as incongruências para fazer aparecer os giros ocultados e, sobretudo, decompor os textos na sua trama e, pouco a pouco, nas seqüências, nas séries infinitas 1-1-1-1-1, das quais os lances, as jogadas do cartel fazem, pouco a pouco, produzir o princípio de recorrência, a cifra que impõe a sua lógica de deciframento às cadeias significantes que amarravam o passante à suposição de um sujeito representado para um Outro.

Isso é o primeiro movimento dessa investigação topológica.

Verificar a análise do sujeito, eventualmente, até seu termo evidenciar o toro e seu complemento neurótico, a estrutura da fantasia em *cross cap*. O texto, assim desdobrado e recortado, mostra como a fantasia/*cross cap* providencia para um sujeito uma ocultação do furo verdadeiro da estrutura: o corte que 'saque' essa estrutura de repetição – e saca e destaca a sua causa – o objeto a-normal: a razão da série.

No segundo movimento, o testemunho precisa provar a separação, o passo fora do espaço desenhado pela suposição de um sujeito ao saber do Outro. O passo fora o momento em que o prisioneiro sai da sua lógica neurótica e faz o passo fora do SSS: mais além da instituição subjetiva: a destituição subjetiva (Cf Soler, Colette: Prova de identidade de separação).

Assim, nesse segundo movimento, o testemunho precisa dar a prova de uma identidade de separação (ou seja, que não retorna como alienação)[18], dar prova do esvaziamento da consistência dada pelo cálculo neurótico do gozo. A prova se dá pelo vazamento [*la fuite du sens*], que deixa escapar uma extravagância (aberração). Não se trata mais de verificar a análise, mas de provar "do" analista, ou seja, a disposição do desejo de analista no lugar em que o objeto tinha a forma da fantasia – o objeto a como *semblant* e não como valor x suposto à série.

O testemunho, no dispositivo, passa pelo crivo da deformação topológica até averiguar a deformatação da fantasia; isto é, provar que a fantasia é impotente ao suturar a impossibilidade, ela é um plano furado, ou seja, "atravessável".

[18] Lacan, Jacques. "Posição do Inconsciente" in *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p.

6 - o produto: a nomeação

Haverá "produto" se a produção, o funcionamento do cartel flagrar o que não pertence à série, como diz Lacan: "... o ato, que se julga, na sua lógica, pelas suas conseqüências".

Tenho que confessar que nos três passes que tive a oportunidade de escutar, até o último minuto do encontro com os passadores, almejou-se produzir o flagrante, a surpresa, o inesperado, o inaudito.

Até os últimos instantes tentava-se furar a demonstração para se averiguar *"uma mudança radical na relação com o saber e o gozo"*; uma extravagância – uma mudança radical na modalidade de gozo, uma modalidade logicamente outra.

A fantasia "conforma" o gozo ao possível, ou seja, à impotência (gozo fálico + gozo do sentido); assim, atravessar a fantasia é revelar, descobrir o seu artifício, a sua ficção de falso furo ("não posso gozar"). Atravessar a fantasia é deparar-se com o impossível – verdadeiro furo da estrutura: o gozo do Outro que não existe. Deparar-se com o impossível é, eventualmente, poder topar com a contingência, permitindo (ou não) *"julgar o ato pelas suas conseqüências na sua lógica"*. A contingência não está na lógica do *automaton*, do necessário, quando ela é escolhida como causa de um ato (isto é, fora do sentido – fora do pensamento), é prova do impossível com o qual o sujeito topou, consentiu: *"L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre"*.

Essa prova pode ser feita dentro da análise – dentro da transferência? Ou o momento do passe se prova necessariamente fora da transferência? Um mais além da transferência, que não seja um *acting-out*, mas um ato. Ou ainda, será que o passe como procedimento é necessário para provar o passe como momento?

A prova de que o sujeito se deparou com o impossível e topou com a contingência é prova de uma modificação da modalidade de gozo não incompatível com o desejo de analista e o ato, sua conseqüência, que, por sua vez, suportará o impossível e a contingência.

Para prestar conta dessa modificação da modalidade de gozo, os passantes e os passadores nos falam de amor, da mulher, do gozo feminino, da relação modificada com a angústia, com o luto, com a castração, com o não-todo.

Mas falar não é tudo, o dizer é preciso.

Mas então, qual é o *mot de passe?* O segredo? Tomo emprestado de Lacan o segredo do passe: "L'insu que sait de l'unebévue s'aile à mourre", que traduzo livremente: "o não sabido que sabe da mulher não-toda permite desse in-sucesso (insuccès/ insu que sait), o acesso à contingência do amor".

Então, mais uma vez: "vous ne dites rien!" - "vocês não dizem nada!".

Seria, então, justificado falar da hipertrofia do dispositivo e da escassez dos resultados?

No entanto, vou concluir com uma coisa muito pequena, muito fútil comparada ao estorvo magnífico de uma neurose. Algo minúsculo, que passou no crivo, que deixa passar o incrível, permite uma nomeação: *fixão* outra do real.

Numa análise imensa, [décadas] cheia de circunvoluções tão complexas de descrever quanto um *crosscap*, sublinho um ponto em torno das vicissitudes do objeto olhar, com certas conseqüências para o feminino confinando o sujeito muito aquém da mulher sem vergonha. Recorto um significante "bolsa", no qual carregou vida afora diversas formas das pedras, lastro da insustentável leveza do ser, "cálculo" neurótico do gozo. Após a análise, ocorre essa pequena cena, traço minúsculo no labirinto dessa análise, mas, junto com alguns outros, conseguiu chegar até nós cinco de um cartel, trancafiados num hotel do Rio.

A passante conta esse pequeno detalhe: entra desprevenida – sem vergonha - num elevador onde se encontra, por acaso, com sua analista que lhe diz: "que bolsa bonita!".

O cartel gargalhou, o passador também. Depois daquela trama montada, que tinha deixado todos à beira de um drama, horas a fio, a neurose de X não fazia mais sentido.

Vou concluir com uma frase de Lacan do seminário "Les non dupes errent":

"pois essa prática, não somente tem um sentido, mas faz surgir um tipo de sentido que esclarece os outros sentidos a ponto de colocá-los em questão, quero dizer, a ponto de suspendê-los[19]*"*.

É assim que, por enquanto, consigo responder à questão bíblica retomada por Freud nos Estudos sobre Histeria:

"Wie kann ein solches Kamel durch das Nadelöhr?[20]*"*

[19] Lacan, Jacques. « Seminaires "les non dupes errent p 197 Édition de l' ALI*"car cette pratique , non seulement a un sens mais fait surgir um type de sens qui éclaire les autres sens au point de les remettre en cause, je veux dire les suspendre.*

[20] Freud, S. Études sur l'Hystérie – PUF, 1956, p.235 : « *S'il devenait possible, une fois la liquidation des matériaux pathogènes achevée, de les exposer à une tierce personne dans leur aménagement connu, complexe et comportant plusieurs dimensions, celle-ci ne manquerait pas de se demander à juste titre comment pareil chameau a pu passer par ce trou d'aiguille* ».

resumo

O momento do passe é o momento de báscula que produz uma "ab-erração": o desejo do analista orientado pelo ponto fora de série: objeto a-normal, ponto muito "delicado" do qual vale a pena oferecer um dispositivo para recolher o testemunho. O procedimento do passe é o acolhimento institucional do momento clínico, é o dispositivo/aparelho, cuja produção enquanto investigação topológica permite que o momento do passe fugidio, desvanescente por excelência, seja recolhido: a nomeação e o produto do dispositivo. O momento de concluir seria o termo de uma demonstração lógica - que dá acesso à emergência impensável do ato; o momento do passe seria a autenticação do salto nas suas seqüências, na sua "mostração".

Palavras chaves

Psicanálise – momento – passe - conclusão – investigação topológica -

abstract

The moment of the pass is a seesaw moment that produces an ab-erration: the analyst's desire. The analyst's desire is directed by a point out of the series: object a-normal, much delicate point that deserves a specific device for the testimony of its occurrence. The pass procedure is the institutional receiver of the clinical moment, it is the device, apparatus, which production as a topological investigation allows to receive the moment of the pass, pre-eminently fading. The naming of this passing moment is the product of this device.The moment for conclusion is the term of a logical demonstration which gives access to an unthinkable emergence of the act; the moment of the pass is then the validation of the jump from its consequences by its evidence, its "monstration".

key words

Psychoanalysis- moment- pass- conclusion- topological investigation

recebido

20/02/2007

aprovado

19/05/2007